

a participação da mulher na vida econômica e social

- trabalho de investigação

- Ministério das Corporações

Fundação Cuidar o Futuro

dec. 73

MARIA DE LOURDES PINTABILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

A participação da m na vida económica e social

I. Carácter urgente do tema

- novo conceito de "participação" traduzido, ao nível socio-económico e cultural, do direito de cidadania (Maio 68, francês da participação)

nova estrutura do poder: não-piramidal, descentralizado, partilhado;

^{nova expressão p^o ultrapassadas o conflito de classes} MILITAR

conteúdo da expressão "vida económica e social" (a dependência dos factores económica e social; estruturas e mentalidades; factos e imagens)

Fundação Cuidar o Futuro

- ~~atribuções da m neste contexto: o em + países do mundo, o q seja o regime e o q seja o tipo de civilização;~~

Uma vida econômica e social
cã (ou um conceito humano
de des.^{to}) supõe:

a) - a eliminac^o de grupos
social/ desfavorecidos

- a participac^o de todos
no processo e leva uma
comu^o a fazer face à que p^o

b) evoluç^o histórica → a plena
utilizac^o de todos os recursos humanos

Ora: - as m^o constituem um grupo
social/ desfavorecido

- as m^o ^{constituem, uma potencial} não participam
humano não-aproveitado
adequada no processo de

evoluc^o da comu^o de de
e fazem parte.

II. Como se justifica o interesse do problema na sua dimensão + ampla:

- formas institucionais a) (ONU e Comissão do Estatuto das Ms),
Unesco e OIT
sua evolução e preocupações
- plano reivindicativo

a Estratégia Int. da II Reun. (v. relatório) e plano a nível do recenseamento

- " ~~ação~~ económico
- b) " cultural estudos pios + os Planos de Fome em + países

Fundações Cuidados Futuros

- a literatura sobre a ~~estudo~~ ^{condiz} das ms em variados sectores da vida social (prolifera a partir de 1963) Betty Friedan
- ~~o~~ os "movil. de libertação" das ms

Ora: por uma ^{outra} via e conclusões
o problema há e situa
na continuidade do movimento
feminista do princípio do século.
mas se insere na convergência
de movimentos sociológicos
e filosóficos de n/ tempo

a) movimentos de libertação

- das mães trabalhadoras
- dos povos de cor
- da juventude

Fundação Cuidar o Futuro

b) movimentos filosóficos

- estrutura de personalidade
- sentido da ^{da} agora
- historicidade do tempo
modo como transforma
o mundo que é o ser
- relatividade dos objetos
e situações

A participação do m na vida económica e social

(1)

I. Porquê este tema?

Como se justifica, nestas jornadas do trabalho, um tema deste tipo? Haveria q̄ justificá-lo negativa e afirmativa? — dizer q̄ lacunas, vícios, tabús, o reclamam; demonstrar q̄ perspectivas, novas pistas, outros rumos dele podem crescer.

Fundação Cuidar o Futuro

~~A tentativa desta tarde é a de procurar essa justificação. Parto duma "tradição" q̄ por imediata se torna clara — há mais de 15 anos, as raparigas q̄ terminavam o curso de engenharia iam-se com o bonito título de engenheiras, c/o pretexto de q̄ não existia o feminino de tal palavra. Ora eu gostava de dizer, sem ser purista~~

na impossibilidade de tratar (3)
adequada/ todos os elementos \bar{y} inte-
gram estas 2 coordenadas, basta-me
afirmar, no início deste coloquio, +
 \bar{y} a participação \bar{m} na vida econó-
mica e social é, ^{a meus olhos,} neste momento,
um factor decisivo:

- na estrutura da vida social
em novos moldes;
- na construção de uma ideia
aglutinadora p: a sociedade portu-
guesa;
- na capacidade de sobrevivência
de própria criação nos espaços
cada vez + amplos e na rede de
relações cada vez + complexa em
 \bar{y} e vai inserindo.

pretarei demonstrar como desta ④
afirmação e conclusão pelo seu porquê.

Importa, antes de mais, esclarecer
o q̄ está contido - na terminologia
usada: o q̄ entendido por "participat",
o conteúdo q̄ deu à "vid económica
& social".

A "participat" é, em linguagem
política, uma expressão nova. Tal
como outros vocabulários, há m^{to} iuse-
do no dicionário mas tendo adquirido
quase de repente uma força desconhe-
cida, h. a palavra participat
ganhou peso e significado. É certo
q̄ participat é o acto de "ser parte"
de alguma coisa, em termos simples,
ter voz activa, existir... Mas as muta-
ções socio-culturais da última década

e, em particular, a rev. de Maio de 68 (5)
em França, se deixaram como rescaldo
muitos ^{irreverentes} ~~desordeiros~~ e anárquicos,
deixaramth por virtude da capacidade
de verbalizar e de racionalizar a
cultura francesa - ~~marcos~~ novos a
escalonar a caminhada do homem
nesta terra. Assim é q̄ a palavra
"participação" passou a ser a tradu-
ção, ao nível socio-económico e
cultural, do direito de cidadania.
Por se é cidadão, il porta participar.
Duas grandes etapas se encontram
aqui fundidas.

Por um lado, reconhece-se q̄
nas sociedades contemporâneas
há ^{te} oposição de interesses, e
seja o regime político dessas
sociedades. Tende o modo social

listas ~~longas~~ exprimida^{lo} em termos de (6)
permanente luta de classes; tende o
lado capitalista em utilizá-lo na
actividade sindical. A participação,
ao postular a intervenção de todos
nas ^{várias} zonas da vida econ., social,
cult. e política a q̄ se encontram
ligados, abre um caminho p̄
ultrapassar o conflito de classes em
q̄.º mecanismo determinista da
engrenagem social. Até hoje, nenhuma
outra expressão fora encontrada
tão carregada de sentido e de afp
possível.

Por outro lado, a participação
supõe uma nova estrutura do
poder — um poder não-piramí-
dal, construído de graus sucessivos
na escala hierárquica dos
funções, do prestígio ou do dinheiro,

mas um poder descentralizado e ⑦
por isso partilhado — o poder de
decidir as grandes normas orientadoras
da sociedade, o poder de contribuir p̄
a melhoria da gestão de \bar{g} empreend. \bar{g}
O conceito de participação vem adu-
lizar as consequências da reconhecij
da dignidade da pessoa humana
— por pessoa, responsável e por
responsável, detentora da autoridade
correlativa a essa responsabilidade.

Fundação Cuidar o Futuro

Importa ver agora, em termos (8) extremos/sumários, o conteúdo e expressão "vida económica e social". É esta uma fórmula consagrada no fórum internacional e por isso a usamos. Exprime todo o tipo de instituições, iniciativas, relações, articulações, correntes de pensar ou movimentos de ação q' são o respirar de um povo ou de uma comunidade. O adjetivo económico qualifica todas as actividades, como o adjetivo social qualifica. É q' na sociedade contemporânea não há fenómenos económicos puros nem sociais puros. Cada actividade, mesmo chamada económica, vem ponderada por um triplice coeficiente social: correct q' razões humanas, indi-

individuais e colectivas, justificam-se essa actividade? em q̄ condições humanas vai realizar-se? que benefícios humanos dela se tiram? De igual modo, a iniciativa de tipo chamado social vem afectada de vários índices económicos: quem subsidia? é rentável? como vai entrar no orçamento geral? como vai contribuir p̄ uma + justa distribuição de riqueza?

Não poderia ter pouco confinado-se a vida económica e social ao elemento institucional - abrange simultaneamente o funcional das estruturas e a transformação das mentalidades; é ~~form~~ teada simultaneamente por factos e imagens q̄ os reforçam, de-
formam, afluem ou anulam.

Draft participay na vida econo:

cnica e social envolve assim dois
princípios políticos:

↓
como
controlario

- a plena utilizay de todos os recursos humanos disponíveis;
- a eliminay de grupos social/ desfavorecidos.

Não pode uma sociedade encontrar estruturas viáveis e úteis, alicerçar-se em ideologias de objetivos se não existe a participay de todos no processo, complexo, demorado, nunca completo, q leva essa sociedade a fazer face à sua pp. evoluçao histórica.

~~Draft~~ ~~em~~ ~~constituem~~
um potencial humano n-aprovei-
tado e não realizado humano/

e são em quase todas as sociedades, (71)
do modo contemporâneo em
grupo social/ desfavorecido,
Tentarei mostrar a seguir como é
q̄ internacional/ se foi tomando
consciência do ^o facto a ponto de se ter
 tornado uma evidência.

Fundação Cuidar o Futuro

II. A participação do m na vida ec. e social no contexto atual (12)

Os últimos 25 anos vivam uma transformação radical da inserção das ms na sociedade. Há índices q são do conheç/ de todos, q fazem parte até do n/ universo quotidiano. Costava apenas de referir os q me parecem mais significativos ao nível institucional e n - institucional.

Fundação Cuidar o Futuro

1) Ao nível institucional, parece-me importante referir ^{algumas} 1.ª instâncias atuais - as Nações, as suas agências especializadas (UNESCO, OIT), e a Comissão do Estatuto das Mulheres orgão do seu Conselho Económico e Social.

É de salientar q̄ já anterior/ (13)
à existência da ONU, a OIT começara
a estabelecer as bases do q̄ pode
hoje considerar-se um direito
do trabalho feminino. Mais tarde,
a Unesco, no seu domínio p̄p,
fizera incidir parte do seu estudo
nas condições de acesso das raparigas
aos vários graus de ensino e na
elaboração de indicadores sociais
adequados p̄ quantificar e examinar
a participação efectiva das m̄ na vida
económica e social.

~~Na década de 60,~~ Até à década
de 60 a Com. Econ. dos M̄
este trabalho ocupada el direitos
elementares estruturadores dos
novos países e da nova sociedade

que nasceu da II guerra mundial. (14)

Assim a reivindicação do direito de voto e ~~com~~ expressão concreta dos direitos políticos dos \bar{m} , aparece no 1.º plano das suas resoluções.

✱ Mas em 1960, a Assembleia Geral da ONU pôs em relevo a necessidade de uma assistência especial de organização a programas relativos ao progresso dos \bar{m} nos países em des.^{to} (emergência dos novos países africanos e launch da I Década do desenvolvimento). A Comissão do Estatuto dos \bar{m} foi alargando o âmbito desta resolução até chegar à formulação de um programa unificado da ONU \bar{m} o progresso dos \bar{m} .

Em 1965, reconhece-se q̄ é oportuno chamar a atenção da opinião pública mundial para a importância de contribuir q̄ as m̄ podem dar ao des.^{to} total e de, nesse contexto, melhorar o seu estatuto. Passa-se assim de uma fase - q̄ poderíamos chamar de familiismo residual - que q̄ ajuda predomina a reivindicação de direitos p̄ uma política em q̄ se tem coberto em linha de conta a urgência do ~~do~~ processo de des.^{to} nacional e do estabelecimento de profissões e normas q̄ "permitam às m̄ participarem plena/

Fundação Cuidar o Futuro

na vida económica, social, cultural (16)
e política dos seus países.

Embora nascida esta preocupação no contexto dos ~~países em~~
~~des.^{to}~~ I década do des.^{to} e tudo
como principal ponto de aplicação
os chamados "países em des.^{to}"
em breve se aplicou a todos os
países tendo sido feito que
inquência, a todos os governos
sobre a participação real de m
na vida ec. e social desses países.

Assim o programa da
Estratégia Int'nal p' a II
Década do des.^{to} tomara total/
na questão dando especial
relevo, ~~na~~ sem menosprezo

dos factores fáctil/ quanti- (17)
ficáveis às "mudanças quali-
tativas e estruturais q̄ na poe-
dade devem ir de par c/ o
cresc. económico rápido" e
não hesita em destacar dos
objectivos de nível qualitativo
"o encorajamento da plena inte-
grac̄ dos ms no esforço do
des. total".

Fundação Cuidar o Futuro

Valeia a pena acentuar já
aqui q̄ não interessa a q̄ reside
- não interessa a Portugal - percorrer
etapas q̄ outros já percorreram.
Por isso os objectivos concretos
a delinear ~~devem~~ para uma
participac̄ de m̄ na vol. econ.

e social, ainda q.^{do} formulados (18)
em termos de direitos, devem
estar integrados no quadro
síntese do des.^{to}. Daí q. o eixo
pelo qual interessa fazer passar
sã iniciativas do governo ou
de entidades privadas tenha
de ser esta simples interrogação:
têm razão de ser estas medidas
p.º de conseguirem os objectivos
humanizadores do Plano
de Fomento?

E daí H. q. uma acção
governativa neste momento
pouca e deva ter aqui parti-
cular incidência. Costaria
de recordar algumas afirmações

do Secretário Geral da ONU no (19)
relatório em q̄ examinou as
respostas dos governos de mais
de 80 países ao seu questionário
sobre as condições de participac̄
des m̄ na vida econ. e social.
Dizia U Thant:

" Permanece de pé o facto de
q̄ as m̄ q̄ contribuem metade
da populac̄ do mundo, não
estão em condições de poderem
dar o melhor dos seus
serviços aos respectivos
países e à humanidade."

E mais adiante:

"Está a ser ouvida a voz dos
m̄ e, se ouvida, a ser seguida?"

Reconhecer-se-á q̄ as m̄s têm (20)
um papel significativo a
desempenhar, ajudando a cons-
truir um mundo melhor
para todos?"

Complementar/ os países em
des.^{to}, estimulados pela ONU e
os países alta/ industrializados
da década de 60, com a série
de problemas novas começam
na década de 60 a realizar
com nova intensidade estudos
e a desencadear ações tendentes
a melhorar a part. d̄ m̄ na vida
ec. e social dos respectivos países.
Estudos de análise demográfica

estudos do orçamento em tempo,
fica, análise e avaliação de postos (21)
de trabalho, são produzidos por
departamentos governamentais da França,
da Alemanha, dos Estados Unidos,
da Inglaterra, do Canadá (488 pp.),
da Suécia... P.ex. o governo da
Suécia observa num rel. de 1968
que o PNB poderia aumentar de 25%
se o potencial de m não utilizado
fosse totalmente actualizado, e de 50%
se a discriminação entre os sexos
e outras barreiras fossem completas/
abolidas."

Se se pudesse quantificar o
chauvinismo masculino a que
aumento da n/ riqueza não
corresponderia o desapareci/ do
machismo português???

II. A política cultural

1. Da cultura centralizada à policultura

2. Os esforços de uma política cultural ou "des.^{to} cultural"
(Lénine)

3. Caminhos p.^{ra} uma cultura/acção

Fundação Cuidar o Futuro

- sua irreductibilidade à planificação
- imprevisibilidade
- capacidade de transformac^{ão} radical da sociedade
- um modo intuitivo de conhecer pela experiência

Nos elementos não-institucionais (22)
que ~~se~~ têm significado importa
assinalar antes de mais o clima
cultural da sociedade contemporânea.

Fundação Cuidar o Futuro

Estamos, portanto, perante um movimento da história que vem na convergência de factores de índole m.^{to} diversa e até, às vezes, de natureza oposta. Esta observação leva-me a desligar quase total^{mente} a presente ^{preocupação} ~~preocupação~~ ^{preocupação} do movimento feminista dos fins do séc. XIX e princípios deste séc. Não me parece ser ~~uma act. esporádica~~ ^{uma act. esporádica} e que que de ridículo, apesar de meitoria, que se pode entrosar o movimento actual.

Vejo-o com alguma continuidade e o direito gradual^{mente} atirado por outros grupos, de participarem activas^{mente} na vida económica e social.

III - A participação do m na vida econo-³³-
mica e social portuguesa

1. Atividade da Cima e de mudança

Ao falar da m em Portugal, tenho
sem consciência de q' está por desenvolver
o seu perfil. Quem é? o q' ~~se~~ faz?
como se distribui no rectângulo
europeu? q' aspirações tem?
(problemas metodológicos de levantar)

Mas a mudança q' novas gerações
e novas exigências fazem consigo
é inevitável. Por se reconhece à
participação da m um conjunto im-
portante de limitações, a urgência
de eliminar essas limitações traz
consigo uma mudança. Pense, por
exemplo, na sua condit de
cidadã de estatuto reduzido, q'
plenos direitos apenas q' ^{do} substitue

o \bar{h} (q^{do} é da chefe de família) ou q^{to} faz parte do ciclo de produç. ... A \bar{m} encontra-se subordinada ao \bar{h} na estrutura de família (pelo menos, ao nível do Código Civil) e, numa sociedade q̄ toma como modelos das suas organizações a família fául é transparente a mesma subordinaç. p̄ toda a vid social. (ex. Japão)

Penso tb. no fact. de Portugal ter ratificado a convenção n.º 100 da OIT q̄ supõe p̄ trabalho igual salário =. Ora as diferenças salariais q̄ existem, de resto, em todos os países do mundo, não uma violação clara da lei. Se pensarmos q̄ 1/4 dos \bar{m} q̄ trabalham são chefes de família, vale a pena interrogarmo-nos ~~se~~

abrir-se

Fundação Cuidar o Futuro

Sobre o modo como vivem essas famílias... Nem podemos esperar q̄ sejam os sindicatos a defenderem a =/ de salários. Dirigidos por uma esmagadora maioria por homens, acrescentam a essa indiferença pelo problema o facto universal de a =/ de salários constituir um dos problemas Função Cárdea e Futuro de reserva, p̄ o momento em q̄ forem satisfeitas todas as outras aspirações ou reivindicações.

Se analisarmos, p. ex., a estrutura por sexos de populações portuguesas em termos da sua actividade económica, verificamos q̄:

- 16% das m̄ são económicas/activas e q.º 84% o não são;
- 63% dos h̄ são económicos/activos e q.º 27% o não são;

Embora estes n.ºs não esgotem as numerosas possibilidades q̄ a m̄ tem, se quisermos, de participar na vida econ. e social, podemos tirar d'elas 2 conclusões importantes p.ª a sociedade portuguesa.

A 1.ª é q̄ a contribuição da m̄ p.ª o desenvolvimento da riqueza é diminuta. Esse acrescentamos a estes n.ºs o facto de q̄ a grande maioria das m̄ se concentram nos escalões + baixos

Fundação Cuidar o Futuro

das actividades, temos de concluir q^a a sua contribuiç^o p^o a estrutura da sociedade (estabelecim^o de prioridades, criaç^o de novos condicoes p^o a vida humana, organizaç^o da vida social) é tb. mínima.

Por outro lado, a comparaç^o ds ts indicadas leva a suspeitar de uma repartição neta de tarefas entre os h e as m. As hs cabem, nesta análise, as tarefas "fora do domicilio" (p^o usar uma express^o q^ota aos juristas) enq^{to} as m parecem ser apenas ~~uma~~ esfera - a d familia - onde podem actuar.

Fundação Cuidar o Futuro

2) O reflexo de elementos estruturais e conjuntivos de uma sociedade no estatuto e condições ms

a) Contradição das forças em presença e incapacidade de resolver a contradição. Neste caso :

- por um lado a guerra e a emigração fez-se abelo à mão-de-obra feminina, considerada como mão-de-obra de reserva ; (de notar q̄ ela não entra no mercado do trabalho F_g , como \bar{F}_g outra pessoa humana, tem direito ao trabalho, mas por inércia das forças económicas)

39

- por outro lado, a necessidade da permanência da imagem de "dona de casa" como a estimuladora da sociedade de consumo, de bens supérfluos que a sociedade produz por mimetismo, que não para exploração de países ricos; (influência da publicidade e seu enraizamento nos mitos ancestrais)

Fundação Cuidar o Futuro

A interrogação que se levanta é a de saber se no ciclo produz-consumo a m̄ tem de funcionar sempre como "receptora" dos onerosos desenhados por outros e se não pode, ela própria, fazer a sua própria escolha - escolha dos meios que usa para entrar no ciclo de bens ou serviços; escolha da forma + responsável de usar os bens.

b) As tentativas do des.^{to} moderniz⁴⁰
zador, uniforme, monolítico, q̄
leva cada país a percorrer as
vias q̄ outros já percorreram, a
tornar o atraso cada vez >,
e e' q̄ interessa medi-lo!...

Pq̄ o des.^{to} não se mede em n.º,
ainda q̄ sejam traduç de
infra-estruturas — afimlata-se do
seu fau na alma de um povo.

Fundação Cuidar o Futuro
∴ necessidade do não-mime-
tismo, de se descobrir neste
grupo cultural português o
seu tipo de des.^{to} FT.

Problema do des.^{to} em
economia dualista

- a tecnocracia q̄ quer o
melhor e o + moderno
b.º poder competir

- outra vez q̄ diz q̄ o 41
plano emprego cf meios
automat̄ é humana/ +
importante

Ora, se se tomar em linha
de conta os recursos humanos
da pop. feminina, é possível q̄ se
venha a encontrar os nós da
actividade q̄ permitem o
plano emprego e a superar
eventual/ com projecto global
de des.^{to}.

Fundação Cuidar o Futuro

3) Ausência de um projecto global 42
à sociedade,

provocado pelo fulcra de "oprimidos"
q̄ "Cunha fizeram uma verdade";
pela desfocagem dos objectivos (Joga)
(deixamos de lado o pouco q̄ podíamos
ou p̄: querermos um m.^{to} irreal; vício
nacional pelo facto de ser vício pessoal,
multiplicado pelos 8 milhões q̄ somos)
pela fuga pela tangente às situações
reais Fundação Cuidar o Futuro (qual
lê?), nas autoridades (quais?), na
burocracia q̄ os l̄s inventam p̄
proteger a lua inércia q̄ ^{do} não a
lua inépcia.

Dai, a dificuldade em criar
mais riquezas e mais serviços q̄
assegurem à população aquele
mínimo de bem-estar s/po qual

uma vida verdadeira/humana \bar{u} 43
é possível.

→ A maior possibilidade dada às
m de contribuir p.º a causas
de riqueza e p.º o funcionamento
adequado de serviços será uma
via possível para q̄ se ultrapassarem
as dificuldades encontradas,
e p.º q̄ se encontre o projecto global
de coexistência na medida em q̄ se
torna necessário.

Fundação Cuidar o Futuro

- definir uma política ^{de} família
(aumento demográfico? onde?
como?)
- definir uma política de
suspeito dos direitos de criança
(alargação do período de
repouso antes e depois do
parto, etc.)

4) Vou destacar do ponto anterior 44
dois aspectos. Um é a generalizada
satisfação c/ a letra da lei (atitude
lábina!) q̄ vai de par:

c/ o não-cumprimento do q̄ a
lei estipula (e.g. =/ calvírios,
funcional de uecler, prote c/ luec te
a facidez, etc.)

e/ o não-aprofundar do espírito
da lei (com as intencionalidades
na lei entre 1933 e 1948) →
quem as tem executado?)

c/ a convicção do q̄ a lei é
eterna, q.º ela deve ter em si
a institucionalização de ff em
dauca (e.g. Constituinte!)

Ora no q̄ diz respeito à m

abundância de normas de 45
carácter n.º 1.º que apenas tradu-
zem uma ideologia (e.g. "cate-
a êntidade patronal vê as púas
condições de trab. do trabalhador
de modo a assegurar a saúde
e moralidade - normas do Gambia,
Ghana, Zâmbia, etc.)

Fundação Cuidar o Futuro

5) Outro aspecto q̄ me parece 46
importante destacar é o extremo
individualismo q̄ nos caracteriza
e q̄ leva à má distribuição da
riqueza (investimentos seguros, alienação
das crenças vitais à us. cotta, etc.)

Dado q̄ as m̄ q̄ trabalham
na quase totalidade
fazem por exigências da economia
do aguçado familiar,
Fundação Cuidar o Futuro
dados q̄ ~~incluem~~ a família,

resolver o problema do Calário justo
p̄: as m̄ é um passo decisivo
p̄: uma + justa distribuição de
riqueza. ~~em p̄~~

6) O último aspecto estrutural da 47
convenção portuguesa é a supremacia
do h (aliás, verdadeiro p^o USA ou
França)
↓ sempre!

"e se por
uma vez fomos
tu buscar o copo
de água?"

- tabus mal-definidos e sem
justificação clara
- a m como algo q^o o h possui
- a reparaf. dos sexos em
Fundação Cuidar o Futuro
numerosos ~~os~~ ~~de~~ ~~chores~~ ~~de~~ ~~uso~~
social, em q^o os h's não
sufic^o falar de "coisas
sérias" e as m's de ver
a si pp^o relegadas p^o o
domínio do privado e do
doméstico

- o comodismo & p/ m q
 ressurte como privac de
 privilegios os direitos conce-
 didos a outras ms (conolug
 + desfavorecidas (e.g., empre-
 gadas domesticas, mulheres
 a dias, etc.)

- a interiorisac q as ms
 fazem da sua situac (tu e
 q **Fundação Cuidar o Futuro** ")
 q **paor, tu e q decide**)

Romper este "modelo" só
 as ms o podem fazer. Necessidade
 de uma acf colectiva, através
 de sindicatos e q/ outras
 organizacoes onde as ms
 possam aprender a exprimir-se.

IV - Pistas abertas

49

~~Eu~~ Disse, no início, q̄ a participação do m̄ na vida económica permitiria uma re-orientação do conteúdo. Fui apontando ao longo desta exposição alguns dos sectores + significativos. Costava apenas de conduzir dizendo quais as prioridades q̄, a meu ver, devem ser estabelecidas (numa definição das estruturas a atingir actual.

1) uma nova legislação

- tomando o preço social de m̄s como um todo
- introduza agora os meccanismos q̄ podem ^{vir a} interessar a m̄ no trabalho e preço de economia
- torne patentes a necessidade de definição de políticas ^{relativa} família,

a febre parvária, recidiva, etc.
3) uma transformação de 57
mentalidade \bar{q} ajuda a separar
o poder político do poder econó-
mico e \bar{q} , que deixas de estruturar
os poderes investidos, ~~força~~ clara/
uma opção por uma maior
justiça social e que as condições
em \bar{q} se podem favorecer, compensar,
promover o + desfavorecidos.

A alternativa disso
Fundação Cuidado Futuro
nos dois poemas \bar{q} vou ler.